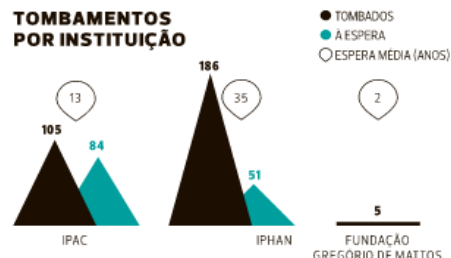


entre /PATRIMÔNIO

f /correio24horas @correio24horas

TOMBAMENTOS POR INSTITUIÇÃO



O QUE ESPERA TOMBAR EM SALVADOR



O QUE ESPERA NO INTERIOR



Histórias de uma espera

Empacados Tempo para tombar acervo histórico na Bahia chega a ultrapassar 30 anos

Conta-se que, de tão poderoso, Luís Muríçoca era capaz de fazer chover. A reputação atraiu personalidades como Dorival Caymmi, Jorge Amado e Carybé ao Ilê Axé Iba Ogum, guiados pelo babalorixá até 2002. Queria, mesmo, era terido forças para esperar o reconhecimento do templo como patrimônio cultural. O terreiro aguarda há 16 anos pelo dia em que terá o futuro definido. No estado, 84 bens, incluindo o terreiro, esperam o tombamento definitivo junto ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac) há, em média, 13 anos. São 212 bens tombados no estado nas três instâncias - federal, estadual e municipal.

A lista de espera pelo tombamento definitivo é formada por imóveis e acervos. Esperam desde o prédio residencial mais antigo de Salvador, o Edifício Dourado, na Graça, à casa de Tranquillino Bastos, o poeta abolicionista de Cachoeira. A reportagem conheceu, via Lei de Acesso à Informação, a saga por uma definição junto aos órgãos de tutela. Na Bahia, são três possibilidades: o Ipac, o Instituto

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e a Fundação Gregório de Mattos (FGM). No Ipac, vinculado à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, a fila é mais demorada.

No caso do Iba Ogum, fundado em 1890, o tombamento provisório veio em 2002. Na entrada do barracão, a semente dada por Carybé se transformou numa árvore do fruto sagrado obi. O Iba Ogum é um legado à espera. Hoje, são 105 bens tombados pelo Ipac desde 1967, quando foi criado.

PROVISÓRIO

O tombamento provisório é uma fase temporária de tutela sobre o bem. Provisoriamente tombado, a relevância já é reconhecida, mas as avaliações seguem. Enquanto isso, incidem regras como as do tombamento definitivo, como a necessidade de autorização para reforma. O problema não é o tombamento provisório. Sim, a demora para uma solução, como aponta o arquiteto e ex-funcionário do Iphan Francisco Santana e outros profissionais ouvidos. "O que

1 Iba Ogum
Número 39 da Rua Sérgio de Carvalho, terreiro que fica no Vale das Muríçocas, bairro da Federação, espera tombamento definitivo há 16 anos

2 Fábrica São Braz
Instalada em Plataforma, na Rua Almeida Brandão, no Subúrbio Ferroviário, alimentou o surgimento de uma região tipicamente operária. Foi tombada pelo Ipac em 2002 e agora está em ruínas

existe é uma sobrecarga desumana. O bem fica ali por anos, enquanto se define e aguarda a solução final".

Primeiro, existe a solicitação ao órgão. Depois, começam as análises, que incluem visitas e levantamentos históricos. O material resulta num dossiê encaminhado a um conselho consultivo que aceita ou remete novamente o pedido. Ou seja, mesmo depois de anos, não há garantia de que o tombamento definitivo virá.

"É um processo que demanda várias análises. A própria cultura governamental deveria dar uma prioridade", opina o arquiteto Neilton Dórea, vice-presidente do Conselho de Arquitetura de Urbanismo.

31 ANOS DE ESPERA

Na periferia de Nazaré, no Recôncavo baiano, um casarão estilo colonial aguarda definição há 31 anos. O Solar dos Bittencourt foi erguido por uma família tradicional, em 1861. Quando atendeu à primeira ligação, Carlos Moura, 70, diretor do casarão transformado no abrigo para idosos, até estranhou. "Eu nem

QUEM MAIS AGUARDA EM SALVADOR

1 TERREIRO ILÊ AXÉ IBA OGUM RUA SÉRGIO DE CARVALHO, VALE DA MURÍÇOCA 16 ANOS DE ESPERA

2 CASA DO RIO VERMELHO RUA ALAGOINHAS, 33, RIO VERMELHO 13 ANOS DE ESPERA

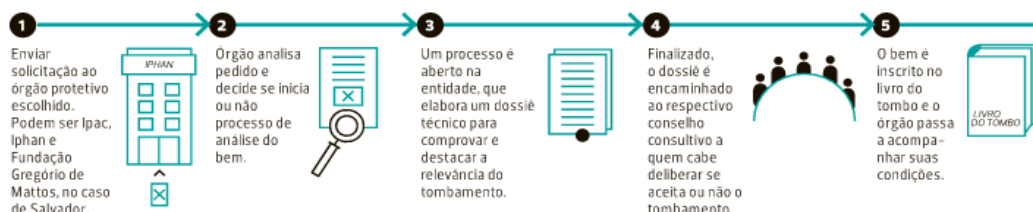
3 TERREIRO ILÊ AXÉ KALÉ BOKUN RUA ANTÔNIO BALBINO, PLATAFORMA 12 ANOS DE ESPERA

4 HOSPITAL ARISTIDES MALTEZ AVENIDA D.OM JOÃO VI, 332, BROTAS 10 ANOS DE ESPERA

5 PRÉDIO DO HOTEL FASANO PRAÇA CASTRO ALVES, CENTRO 10 ANOS DE ESPERA

TOMBAMENTO PASSO A PASSO

FONTES: LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO



Fernanda Lima

texto
fernanda.lima@redebahia.com.br



Evandro Veiga

foto
evandro.veiga@redebahia.com.br



Marina Silva

foto
marina.ferreira@redebahia.com.br



TOMBAR PARA QUÊ? FÁBRICA PROTEGIDA ESTÁ PARA CAIR

Na entrada da Rua Almeida Brandão, em Plataforma, o Padre Antônio Vieira proferiu sermão à Irmandade dos Pretos de Nossa Senhora do Rosário. Também foi ali instalado o primeiro aldeamento indígena dos jesuítas no Brasil. Naquela mesmo endereço, em 1875, surgiu a fábrica têxtil São Braz. Hoje, a antiga fábrica tombada pelo Ipac desde 2002 derruba sobre os moradores a poeira das ruínas.

"Entrei para pegar uma bola e tava tudo rachado", lembra Jorge Teles, 76, antigo tecelão do negócio que era gerido pela família Martins Catarino, não encontrada pelo CORREIO.

O tombamento é um mecanismo que deveria garantir a preservação do imóvel. Também impõe regras ao uso do imóvel, como restrições para reformas.

A reportagem questionou ao Iphan e ao Ipac, órgãos com maior número de tombados, quando realizaram as últimas vistorias. O Ipac disse ter realizado 22 em 2019, inclusive uma, em maio, na Fábrica São Braz. Mas não deu detalhes. O Iphan não respondeu.

O presidente da direção nacional do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), Nivaldo Andrade, acredita que muitos desconhecem o significado do tombamento. Desde 2018, a Faculdade de Arquitetura da Ufba e o Iphan trabalham num estudo que deverá apontar um uso correto dos bens.

No bairro da Saúde, três casas são consideradas patrimônio baiano. Também ali, há o questionamento: tombou para quê? "Sei que não posso mudar a fachada, procuro saber. Tombamento? Nunca veio ninguém aqui não", comenta uma moradora sob anonimato.

Não existe qualquer legislação sobre o caso da demora para o tombamento. Resta a espera. De frente para a fábrica onde o pai trabalhou, Marcos César, 52, lamenta: "Era muito bonita. Agora, passaram cimento por cima". Um cimento que, em toda a cidade, insiste em cobrir a história.

conheço o que é tombamento. Eu queria que houvesse o tombamento e o acompanhamento. Quando eu entrei aqui (2015), as janelas estavam podres, precisamos ir consertando tudo", ironiza ele.

Não há compreensão sobre a dimensão artística, arquitetônica e histórica do local. O problema nasce de uma questão histórica: a equação entre número de funcionários e demanda de análises simplesmente não fecha.

DE UM EM UM

Em condições ideais, especialistas ouvidos pelo CORREIO calculam a necessidade de dois a quatro anos para construir a análise. Nos últimos anos, somente para a decisão do tombamento provisório, por exemplo, o Largo de Santana, no Rio Vermelho, esperou de 1985 a 2006 - 21 anos.

No caso dos tombamentos realizados pelo Ipac, a definição final é do Conselho Estadual de Cultura (CEC). O diretor do Ipac, João Carlos de Oliveira, não acredita que o problema esteja num pequeno quadro de

funcionários, mas "numa análise muito séria e criteriosa". Existem, no entanto, apenas quatro arquitetos efetivos dedicados aos trâmites do tombamento no órgão - três com pedidos de aposentadoria, sem indicativo de novo concurso.

Seria então a apreciação no CEC o motivo da demora? O Conselho negou: "O tempo que demora é o necessário para percorrer essas etapas (dos estudos aos pareceres do Ipac)". Hoje, há apenas dois registros em apreciação, o Fogaréu e o Samba de Roda.

No escritório do Iphan em Salvador, os pedidos de tombamento também esbarram na falta de pessoal. São 25 funcionários para analisar os pedidos e acompanhar os 186 bens tombados na Bahia. É o terceiro estado com maior número de bens tombados, atrás apenas do Rio de Janeiro (226) e Minas Gerais (201). No entanto, 51 esperam uma média de 35 anos para resolver pendências ou retificar algum documento. Não há nenhum bem tombado provisoriamente pelo Iphan na Bahia.

"Como conhecer o bem?

Através de etapas, levantamento de plantas, fotografias, todas as informações que venham a justificar. Tudo isso é tempo e mão de obra qualificada", justifica Francisco Santana, que trabalha por mais de três décadas no instituto. No dia 6 de maio, o Iphan autorizou a nomeação de 18 pessoas aprovadas no concurso realizado em 2018. Serão 13 em Salvador.

TOMBAMENTO MUNICIPAL

Desde 2014, o tombamento também pode acontecer no âmbito municipal. Na FGM, órgão ligado à prefeitura, são 11 conselheiros e três arquitetos. São cinco bens tombados e a espera média para o tombamento foi de dois anos. O Ilé Asé Kalé Bokun, por exemplo, primeiro terreiro ijexá da Bahia, aguardava há 12 anos junto ao Ipac. No mês de março, veio o tombamento municipal. Nada impede, no futuro, o reconhecimento a nível estadual. Mesmo que, ainda hoje, o significado do tombamento seja envolto por dúvidas.

*COM SUPERVISÃO DA EDITORA MARIANA RIOS

POR QUE TOMBAR?

QUAIS AS VANTAGENS?

O tombamento reconhece a relevância histórica do bem e pode salvaguardar a manutenção do patrimônio. Em Salvador, é possível obter benefícios fiscais junto à prefeitura, como dedução no Imposto de Renda, caso o proprietário de um imóvel integre o Projeto Revitalizar.

QUEM PODE TOMBAR?

Na Bahia, o Ipac e o Iphan. Em Salvador, também a Fundação Gregório de Mattos.

IPHAN, IPAC OU GREGÓRIO DE MATTOS?

Os níveis de tombamento dependem do reconhecimento do bem. O Iphan tomba se há relevância histórica, arquitetônica e cultural nacional. O Ipac detém atenção para bens relevantes do ponto de vista estadual e a Gregório de Mattos, relevância municipal.

QUEM MAIS AGUARDA NO INTERIOR

1

SOLAR BITTENCOURT
PRAÇA ALEXANDRE BITTENCOURT, CENTRO, NAZARÉ (RECÔNCAVO)
31 ANOS DE ESPERA

2

CASA DE CÂMARA DOS VEREADORES
RUA VEREADOR ANTONIO SOUZA, CENTRO, VALENÇA (SUL)
29 ANOS DE ESPERA

3

CASA DO POETA TRANQUILINO BASTOS
CACHOEIRA (RECÔNCAVO BAIANO)
29 ANOS DE ESPERA

4

ESTAÇÃO ALEXANDRE BITTENCOURT
RUA BARÃO HOMEM DE MELO, NAZARÉ
29 ANOS DE ESPERA

5

FÓRUM DESEMBARGADOR CÂNDIDO LEÃO
ITUAÇU (CENTRO-SUL)
29 ANOS DE ESPERA